



Furtado adverte que, no próximo ano, não será tão fácil viver de exportações

Furtado critica euforia no pagamento dos juros

"Se o Brasil aceita pagar na totalidade os juros da dívida externa com recursos próprios, também terá que aceitar um nível de importações tão baixo quanto o deste ano, o que é incompatível com a efetiva reativação da economia", disse o economista Celso Furtado, quando indagado, ontem, sobre o otimismo demonstrado por certas áreas do atual governo, de que o País tem condições de pagar juros da dívida com seus próprios meios.

"Em 1984 — observou Furtado — a melhora que se sentiu na economia resultou de que a demanda externa esteve excepcionalmente ativa. Por exemplo, as exportações para os Estados Unidos, nos primeiros dez meses, aumentaram em mais de 50 por cento em comparação com 1983. Se houve reativação, foi por esta razão e pelo fato de que atividade produtiva pode aumentar com base na utilização de capacidade ociosa. Portanto, nos beneficiamos da conjugação de dois fatores excepcionais: forte dinamismo da demanda externa e disponibilidade de capacidade produtiva não utilizada".

E acrescentou: "Com respeito ao próximo ano, nenhum dos dois fatores se

apresentará com o mesmo vigor. É verdade que ainda existe muita capacidade ociosa no Brasil, mas não nos setores de exportação. Portanto, necessitamos de dinamização da demanda interna para ativar a economia. E só é possível obter isso mediante novos investimentos, o que é incompatível com a exportação de recursos reais para o exterior, em escala ainda maior do que a realização neste ano"

Banqueiros

Os dirigentes do Maryland National Bank — o principal banco regional dos Estados Unidos credor da dívida externa, com um por cento dos seus ativos em empréstimos ao Brasil — mantiveram contatos, esta semana, com empresários ligados à candidatura Tancredo Neves, recebendo deles a informação de que a mais importante aspiração do próximo governo, na área econômica, é o impulso ao crescimento do País.

O vice-presidente do Maryland National Bank, James Ortega, que informou sobre os encontros com os empresários, realizados em São Paulo, assegurou que os bancos credores internacionais não identificam motivo de preocupação com a sucessão presidencial no Brasil.